

Notícias de Barcelos

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO — DR. MATOS GRAÇA

Redacção e Administração
RUA INFANTE D. HENRIQUE
BARCELOS

Chefe da Redacção e Editor — João Pereira da Silva Correia

Composição e Impresso
TIPOGRAFIA MARINH
Telefone 123 — BARCELOS

PUBLICA-SE A'S QUINTAS-FEIRAS

**O 9 DE ABRIL EM
BARCELOS EM 1939**

Posição definida

Por coincidência do Domingo de Pascoa com a data de 9 de Abril, aniversário da batalha de La Lys, na Grande Guerra 14-18, foram adiadas para 16 as comemorações que, todos os anos, costuma promover em Barcelos a Sub-Agencia da L. C. G. G.

Foi a participação portuguesa naquela guerra, afirmação de existência nacional, mais um ensejo de prova das inegualáveis qualidades do Exército Português, ao mesmo tempo que demonstrou como, no sistema de governo de então, o certificado partidário ou a filiação na sociedade secreta garantiam a impunidade plena para os mais hediondos crimes de que foram victimas os que na Grande Guerra serviram.

Das comemorações de factos históricos tem de tirar-se lições, nobres exemplos a glorificar para servirem de incentivo, erros a execrar para que se evite a possibilidade da sua repetição.

As comemorações da Grande Guerra foram, durante muito tempo, mero pretexto para serviço mesquinho da mais anti-nacional politica partidaria, facciosa.

O regimen dos partidos continuava e mostrar que nem o respeito pelo nobre esforço do Exército Português, pelos seus mortos gloriosos, era capaz de condicionar a sua actividade facciosa de desunião nacional.

Barcelos não fugiu á regra. O dia 9 de Abril era um dos dias de expansão do democratismo local, que procurava cobrir-se com os sacrificios das proprias victimas.

Na evocação da memoria do barcelense Tenente coronel Vila Chã Leite, a bravura do capitão do 9 de Abril desaparecia sob o sectarismo maçónico que, para os verdadeiros portugueses, diminuía lamentavelmente a sua personalidade.

Havia discursos. Discursos comi-ciosos como nota dominante, ensinamentos falsos envenenando os espiritos das crianças das escolas, preparando gerações capazes de igualarem as hordas que assolaram a vizinha Espanha.

Triunfou em 1926 a Revolução Nacional.

Mas, nas indecisões proprias da marcha de uma revolução sem tiros, não se fez sentir logo nas comemorações da Grande Guerra.

Foi lenta a acção neste sector, pois só anos depois, com a nomeação pelo Governo da Comissão Administrativa da Liga dos Combatentes, é que a este organismo chegou o 28 de Maio.

De que chegou tivemos, em Barcelos, prova indiscutível neste ano de 1939.

Já antes tinham perdido o cunho acentuado do sectarismo as comemorações barcelenses.

Neste ano, porém, o cunho próprio da hora presente apareceu de forma igualmente acentuada.

A manifestação foi de puro patriotismo, nacionalista sem confusões, sendo proferidas palavras de verdade e

Espirito nacional

Há coisas simples que escapam á atenção de muitos portugueses neste momento. A primeira é que não é de comparar a grandeza material do nosso País com a grandeza material de outros países. A segunda é que devemos ter orgulho da nossa mediania e sobriedade, considerando-as, aliás de acôrdo com a nossa experiência nacional de oito séculos, factores de vida em que as virtudes cívicas se sublimam no amor da Pátria levado pelo espirito de sacrificio até o heroísmo dos soldados de Nun'Alvares e dos descobridores dos caminhos da África, da India e do Brasil.

Uma nação é mais alguma coisa do que espaço geográfico, quantidade populacional ou estalão do progresso. É, acima de tudo, unidade política e moral com profundas raizes na geografia e na História e com fronteiras espirituais coincidentes de modo perfeito com as fronteiras materiais: um ser com individualidade própria, inconfundível no «mapa-mundi».

Portugal é uma das nações da Europa que possui no grau mais eminente esses requisitos. São do sr. Presidente do Conselho, Doutor Oliveira Salazar, estas palavras esclarecedoras que todos os portugueses devem meditar e fixar para bem compreenderem os seus deveres patrióticos e o exemplo de coesão e confiança que importa dar ao Mundo nesta hora perturbada e incerta:

— «Ter oito séculos de idade é caso raro ou unico na Europa e em todo o Mundo, sobretudo se para a definição de identidade politica se exigir o mesmo povo, a mesma Nação, o mesmo Estado. Quasi desde o principio, com o esforço dos primeiros Reis, ficaram definidas e fixadas na península ibérica as nossas fronteiras. Guerras, muitas; mas nem invasão ou confusão de raças, nem anexações de territórios, nem substituição de casas reinantes, nem variação de fronteiras: do primeiro ao ultimo os próprios Chefes tinham nas veias o mesmo sangue português.

«Liberto de todas as perturbações da Europa donde foram surgindo, uns após outros, os Estados modernos, Portugal viu nascer muitos, juntarem-se ou desmembrarem-se alguns, desaparecerem uns tantos. A todos sobreviveu e não no apagamento do olvido mas realizando através dos séculos da sua existência uma das obras mais vastas e valiosas para o património colectivo da Humanidade de que algum povo se poderá ufanar. Isto é, não durou porque se furtou a viver; durou precisamente porque viveu — a vida intensa do soldado, do trabalhador da terra, do explorador do mar, do descobridor, do missionário, do portador duma doutrina e duma civilização».

É esta identidade no tempo e no espaço, esta continuidade ininterrupta de espirito, de sangue, de caracter, de ideal e de acção, que constitue a razão de ser da Nação portuguesa, explica a sua duração e garante a sua liberdade e independência. A grandeza de Portugal está menos na força material do que neste conjunto de qualidades e valores permanentes que em todos os tempos o fizeram transcender, nos resultados da acção, a exiguidade dos recursos e dos meios empregados ou disponíveis. É um milagre de espirito e equilibrio que nos conduz e salva através os séculos.

Como disse Salazar aos portugueses do Brasil — «não nos seduz nem satisfaz a riqueza, nem o luxo da técnica, nem a aparelhagem que diminua o homem, nem o delirio da mecanica, nem o colossal, o imenso, o unico, a força bruta, se a asa do espirito os não toca e submete ao serviço de uma vida cada vez mais bela, mais elevada e nobre».

Este conceito cristão da vida individual e colectiva define a linha geral da nossa História. É por isso que «duma civilização que regressa cientificamente á selva separa-nos sem remissão o espiritalismo»...

É por «uma vida cada vez mais bela, mais elevada e nobre» que guarde «esse ar familiar, modesto mas digno», próprio da nossa tradução e caracter, que queremos que o Estado seja forte, a Nação una e coesa, o povo mais consciente dos seus deveres cívicos e das suas liberdades e regalias legítimas e o progresso espalhe por toda parte os seus beneficios.

Um povo com estas virtudes tem o segredo da força, é nacionalista e patriota, encara o futuro com inteira confiança e não se deixa enredar na teia de inquietações e incertezas tecida pelos especuladores do medo da guerra, industria rendosa de «agencias» internacionais ao serviço de certos «poderes ocultos» ou de interesses inconfessáveis, que nos procuram dividir e enfraquecer na mira de nos submeterem a influências do estrangeiro inimigo da nossa liberdade e independência. Sabemos, felizmente, donde vimos e para onde vamos. Sabemos o que queremos e devemos fazer, sem faltar a nenhuma das nossas obrigações na ordem interna ou externa da nossa politica nacional!

até franca e claramente rasgadas velhas mentiras.

Graças a Deus, mais um raio de luz da Revolução Nacional iluminou Barcelos, o que raras vezes acontece.

— Nesta expansão do nosso aplauso, registando facto marcante na vida local, teríamos de reprimir impulso de sinceridade se nada mais dissessemos.

É que, nas comemorações, junto ao Monumento evocativo, foram pro-

nunciados discursos, no primeiro dos quais a Verdade, sem rodeios, foi proclamada.

E desses discursos, se todos se ajustaram ao credo nacionalista, e se o primeiro, foi como não podia deixar de ser, de pura ortodoxia, o segundo merece-nos especial referencia, em satisfação de dever, de justiça.

Continua na 4.ª página

Conferencias culturais da

União Nacional

A União Nacional, pela sua comissão de propaganda e sob o patrocínio da comissão executiva, resolveu ha poucas semanas promover em Lisboa e outras cidades do país, uma vasta série de conferencias culturais, sobre temas de flagrante oportunidade, pois que abrangem interessantes pontos de doutrina, em que se baseiam os principios morais, sociais e politicos da Revolução Nacional.

Assim, por exemplo, no ciclo de conferencias sob o titulo *Filosofia geral*, teremos a reputação dos conceitos marxistas-leninistas, e estudo das suas teses á face da realidade, a prova de que o movimento dos Sem-Deus na Russia Soviética representa o retrocesso aos velhos cultos satânicos, etc. No segundo ciclo, *Filosofia e Ciencia*, analisar-se-á a ciência e a concepção naturalista do homem, a pessoa humana, e a ciência e o filosofismo dos séculos XVIII e XIX, condutores da anarquia mental. O terceiro ciclo é destinado á *Filosofia social e politica*, para reputação de todos os erros trazidos pelo demo-liberalismo e pelo materialismo historico, tratando-se largamente dos direitos da familia e da sua posição perante o Estado, das características do Estado Portuguez em face dos outros nacionalismos, dos principios corporativos do Estado Novo, dos problemas da Autoridade, da Propriedade e do Trabalho, etc.

Finalmente, o quarto ciclo diz respeito ao conhecimento da Historia Nacional e começa com a *reconstituição da nação portuguesa*, como resultado da *Cruzadas do Ocidente*.

Como se vê, nada mais oportuno e louvavel do que esta iniciativa da comissão de propaganda da União Nacional, em obediencia ao plano da reforma da nossa mentalidade, que faz parte integrante do pensamento de Salazar.

É preciso que todas as camadas sociais e sobretudo a mocidade estudiosa, conheçam e sintam a conveniencia de nortear a sua bagagem intelectual, dentro das faculdades de assimilação de cada um, segundo as luzes dos chamados *principios eternos*, para que a obra da Revolução não sossobre, por falta de propagação da sua doutrina e da sua cultura.

Aconselha Salazar que se *intensique a educação politica do povo portuguez, para garantia da continuidade revolucionaria*. E tudo isso obriga á tarefa de educar o povo, salientando-se que o significado *educação*, tal como o fixou o pensamento do Estado Novo, se eleva e sobrepõe ao próprio conceito de *instrução*, lugar-comum das democracias, em que parecia haver um sistemático receio, por tudo quanto se relacionasse com as virtudes e as glorias do nosso passado.

Ajudemos, quanto em nós caiba, a feliz iniciativa da União Nacional — e cumpriremos assim um alto dever patriótico.

Notas de Lisboa

10 DE ABRIL

Assim como o fundamento da Paz é a Ordem, assim o fundamento da Ordem é a Justiça. Não pode haver paz entre os cidadãos, e entre os povos, se não houver Ordem; e se não houver justiça, a Ordem é um mito, uma aparência, uma ilusão.

O exemplo de Portugal, remoçado, e engrandecido pelo Estado Novo, evidencia praticamente aquela síntese de boa doutrina, que é a doutrina do Evangelho. Entre nós, há paz social, porque há ordem social; há esta, porque há justiça, do Estado para com os cidadãos, destes para com o Estado, e entre os mesmos cidadãos. A justiça, na verdade, é que funda e é o arcaboço da Ordem; e o bem desta traduz-se na paz.

Ora, esta doutrina, que o Estado Novo aplicou a Portugal, tanto vale para a ordem interna das nações, como para a ordem entre elas. Se não houver justiça, ou seja o respeito pelo direito das gentes, não há ordem internacional; não há paz, portanto. A triste, ansiosa e inquieta realidade internacional dos nossos dias o prova: não havendo guerra, a guerra dos canhões, não há, todavia, paz, porque se falta a palavra dada, as convenções sancionadas; porque não há o devido respeito à justiça entre as nações.

Na essência desta desordem o que domina são as paixões colectivas, que as há também. Se acima do bem da comunidade internacional está o que erroneamente se considera bem de um povo, não há limites de direito às ambições dos povos—mas a guerra permanente, embora os canhões não troquem; mas o abuso da força, embora se lhe não reaja. A verdade é esta hoje, que vem dar razão ao princípio constitucional do Estado Novo, pelo qual direito e moral estão acima do Estado, e a moral acima do direito. Direito sem Moral, esfrela-se ao primeiro embate das conveniências nacionais, por lhe faltar o fundamento metafísico, por lhe faltar—digamos tudo—a idéia do Legislador Supremo.

Eis a verdadeira doutrina de paz, cuja aplicação devemos agradecer ao Estado Novo, modelo de Estados, modelo de Justiça, modelo de Paz, para os povos em si, e para as suas relações mútuas. Encarrega-se o Mundo conturbado de hoje, de o revelar a todas as inteligências amigas da Verdade.

A. DA F.

CASAMENTO

No dia 29 de Março p. na igreja paroquial da freguesia de Cossourado, realizou-se o casamento da ex.^{ma} sr.^a D. Deolinda Irene Machado da Costa muito digna professora oficial da Escola de Panque deste concelho, com o sr. Manuel da Graça Moreira proprietário em Cossourado e que por largos anos desempenhou com invulgar competência e zelo o cargo de Administrador da Beneficência Espanhola do Rio de Janeiro e onde pelo seu fino trato, qualidades de trabalho e lidimo caracter teve grande relêvo na colônia portuguesa daquela capital como dirigente das principais instituições.

Foi celebrante sua Rev.^a o Abade Cossourado e serviram de padrinhos a ex.^{ma} sr.^a D. Herminia dos Santos Paturco de Abreu Novais, da illustre Casa de São Bento, de Balugães, e seu filho o sr. Manuel Afonso de Abreu Novais.

Finalmente serviu-se em casa da noiva um delicado e excelente copo de água, durante o qual foram trocados vários brindes seguindo os noivos em viagem de nupcias para o sul.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

Comemorações do 9 de Abril

A Liga dos Combatentes da Grande Guerra, pela sua Delegação em Barcelos, deu todo o relevo, este ano, á data a recordar o XXI anniversario da grande batalha de La-Lys.

No domingo, ás 9,30, na rua Candido dos Reis, sede da Agencia, houve a continencia á bandeira da Pátria.

Organisou-se, a seguir, um cortejo, com Autoridades, Legião, Mocidade, escolas, sindicatos, Bombeiros, muito povo, dirigindo se á Igreja Matriz, onde se resou missa pelos Mortos que combateram na Grande Guerra.

Terminada esta comovente cerimonia, reorganisou-se o cortejo, em direcção ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra.

Aí discursou primeiramente o sr. Dr. Antonio Pires de Lima, illustre secretario da Camara Municipal, oração brilhante, como todas as que sua ex.^a produz.

Vamos transcrever-a:

Combatentes da Grande Guerra!
Legionários!
Mocidade Portuguesa!
Meus senhores!

A mais estúpida e cruel selvajaria que jamais se praticou irresponsavelmente!

Foi nestes termos que o Dr. Ricardo Jorge—o sábio Professor Ricardo Jorge—, depois de percorrer os campos de batalha, classificou a forma como se organizaram as nossas expedições para a França e para a Africa durante a Grande Guerra.

Era a indeferença da despedida, por parte dos governantes, despedida que mais parecia dirigir-se a levas de degredados do que a soldados que partiam para defender a Bandeira da Pátria em terras longínquas.

Era a falta de condições físicas e de preparação tecnica de muitos dos expedicionários, porque áqueles que dirigiam a empreza dominava a preocupação cega de mandar muita gente para a Guerra.

Era a falta de assistência sanitária. Sucedia muitas vezes faltarem nas expedições os medicamentos mais indispensáveis, e os médicos assistiam impotentes á agonia dos soldados.

E era ainda, para além de tudo, a falta de coforto moral, a certeza de que, na Metrópole, os políticos, comodamente instalados, se degladiavam de cada vez mais, incapazes de colocar acima dos partidos o interesse da Nação.

E no entanto, a-pesar-das tristes

circunstâncias da nossa intervenção, cperaram-se verdadeiros milagres, praticaram-se actos de bravura e heroismo que demonstraram mais uma vez o valor da raça e impuseram o Exército Portugues ao respeito e á consideração dos maiores generais alemães.

Aqui vimos hoje, em piedosa rotagem, lembrar comovidamente o esforço dos combatentes e, de modo especial, daqueles que sucumbiram na luta.

Vimos recordar e render sentida homenagem áqueles que no combate de 9 de Abril, não obstante a superioridade esmagadora das forças inimigas, praticaram actos de verdadeira heroicidade antes de morrer ou de se verem forçados a recuar.

Meus senhores!

A Guerra, a guerra mundial, talvez, parece de novo iminente.

Por um lado, é o imperialismo germânico e pagão, que não desiste do seu proposito antigo de dominar o mundo. E a esse, outros imperialismos se unem, todos sobrepondo a força ás regras mais elementares do direito das gentes.

Por outro lado, é a Maçonaria, é o comunismo internacional, procurando vencer atravez da guerra e avassalar também o mundo inteiro.

Entre um polo e o outro, eu não prefiro qualquer deles.

Mas a guerra é também um grande negócio. E ao judaismo sem pátria, senhor das principais fábricas de armamento, convem a guerra ou a simples ameaça de guerra, porque o dinheiro é o seu sangue. E senhor também das grandes agências de informação mundial, é ver como em cada dia se lançam para a Imprensa notícias tendenciosas que mais não visam do que exarcebar os conflitos internacionais. É ver como se deturpam as palavras dos estadistas para aumentar de cada vez mais os atritos entre os povos.

Combatentes da Grande Guerra!
Meus senhores!

Eu creio bem que de alguma coisa valeu, para a reacção nacional, o sacrificio dos que lutaram na Grande Guerra. Honra lhes seja!

Perante o quadro tenebroso da vida internacional, louvemos a Deus pela senda que trilhamos nós, os portugueses!

Amor á Pátria, íntegra no seu território, conquistado e desbravado palmo a palmo, mercê de esforço persistente de muitas gerações atravez dos séculos; amor á Pátria, íntegra nas suas tra-

dições católicas, que fizeram de cada português um soldado de Cristo.

União dos portugueses á roda da Casa Lusitana. Paz interior, primeira garantia da paz internacional.

Honestidade e verdade no govêrno da Nação e seriedade nos compromissos internacionais. Equilibrio financeiro do Estado, que nesta hora incerta tornou possível restaurar o Exército e a Marinha de Guerra.

Maldita a guerra, sim! Mas a guerra pode muito bem ser um mal necessário, e é traição negá-lo.

Se alguém atentar contra a independência e o património que as gerações passadas nos incumbiram de transmitir intactos ás gerações futuras, teremos então, de novo, a guerra.

E por Deus e pela Pátria, os portugueses saberão mais uma vez honrar as cinzas dos heróis do passado a afirmar ao Mundo que não é em vão que ostentamos o título de nação primogénita da Europa; que não é em vão que nos preparamos com orgulho para celebrar pomposamente os Centenários da Fundação e da Restauração da Independência Nacional!

Seguiu se depois o sr. dr. Gonçalo Araujo, orador fluente e vibrante, dando-nos um discurso patriótico, cheio de brilhantes imagens, dito com a vibração que é tão propria de sua ex.^a

Agradou imenso.

Leu depois um bem burilado discurso o inteligente Professor sr. Domingos Evangelista, trabalhado com todo o esmero na elegancia da frase e na essencia do conceito.

Depois uma aluna e dois alunos disseram muito bem umas poesias alusivas e que muito agradaram.

Por ultimo, o sr. Alferes José Olimpio Barreiros, Presidente da Sub-Agencia da Liga em Barcelos, em frases vibrantes e coloridas de patriotismo agradeceu a todos o concurso que prestaram a esta festa tão significativa e apropriada.

Como remate, dirigiram se ao Cemiterio, ao jazigo onde repousa eternamente o sr. Coronel Vila-Cha Leite, oficial da Grande Guerra, Barcelense illustre, e que pelos seus feitos foi condecorado com a Torre e Espada.

Aí, o sr. Dr. Matos Graça, desfolhou algumas palavras de homenagem ao Militar e ao Barcelense, que ficou a marcar aos vindouros uma conducta a seguir: sacrificio pela Pátria e trabalhar por Barcelos, pedacinho da Pátria mas onde o coração bate mais fortemente.

SOCIEDADE

Aniversarios
Fazem anos:

Hoje o menino Carlos Alberto, filho do sr. Celestino Coelho de Sousa Basto.

Sabado—o sr. Antonio Emilio Roriz d'Azevedo.

Domingo—a sr.^a D. Laurinda Celeste d'Almeida Rêgo, o sr. Domingos Ferreira Vale e o sr. José Bráz da Fonseca.

Dia 26—a sr.^a D. Maria das Dores Landolt de Sousa Cunha.

DOENTES

Encontram-se já completamente restabelecidos os nossos amigos srs. Manuel Correia e João Caravana.

Industria regional
de Barcelos

Visitem a exposição de louças decorativas da CERAMICA MACEDO

(EM FRENTE AO CORREIO GERAL)

Reunião de um Curso de Teologia

VI

O eminente Prior de Barcelos, com o sorriso sempre á flôr dos lábios, disse-nos que a pedra do altar-mór viera de Ceuta, naqueles aureos tempos em que tudo era ouro e pedras preciosas... Disse mais alguma coisa, que a minha ingrata memória esqueceu e... passamos á modesta *Casa da Mêsá*, donde se desfruta largo e encantador panorama, e onde a bondade do Padre Gaio-las houve por bem refrescar a amizade comum com *aperitivos* a que nem um Santo resistiria. Estava tudo dentro da mais legal das legalidades e conveniências eclesiásticas... Alguns, nos *entre-actos*, apontavam os binóculos para os lados de Remelhe e Carvalhas; eu sentia-me tentado a engendrar o es-corço de um poema herói cómico; e o Silva Gonçalves, sempre genial pergunta-vava ao Minhada coisas do arco da velha, polvilhadas de finissima ironia.

Saímos dali, a breve trecho; e muitos fomos debruçar nos ao museu que deita para o lado do Oceano. Lá ao fundo, febricitante e incansável, agitava-se a freguesia do Padre Filipe, sempre manso como um cavaleiro. Depois, por ali além, sucediam-se campos e campanários alvejantes, veigas fecundas e prometedoras. Aquela hora devia formar-se por ali adiante incansável exame humano, no fervor de ingrato trabalho apícola; e eu, lá do alto, associava-me a essas rudes canseiras, porque também eu sou trabalhador do campo, e trago as mãos calejadas, que nas horas vagas do ministerio folgo de apertar as vides com as fitas e de as ensinar a dar vinho para o S. Sacrificio. Benditos sejam todos os que se cansam e trabalham, dando exemplo grande aos que cristalizam numa criminosa hedionda preguiça, que chega a ser um crime social, e uma aberração sem nome!

Agora desce-se para o Castelo de Faria. Recentes escavações puseram a nu manifestações da vida que por momentos se condensou e expandiu por aquela encosta apertada de plantas silvestres, de sobreiros e pinheiros.

Eu gostei muito de pôr o pé naquele tapete de verdura, regado com o sangue de muitos martyres do patriotismo que por ali, em irresistível arrancada, firmaram e consolidaram as glórias e as grandesas do *jardim da Europa, á beira-mar plantado*. Eu lia naquelas pedras e naqueles musgos toda a luminosa epopeia dos heróis cristãos, que por expulsar a moirama soberba e avessa a condescendências, sofreram toda a dolorosa e pungente gama das anciedades e hesitações e apreensões, em que qualquer guerra é forçosamente farta.

Quem não acreditava no que a historia diz, era o Albino Gaspar de Carvalho. Para ele aquelas pedras e aquele muro altaneiro, emergindo do seio dos pinheirais, eram simples fantasia do acaso, que para ali atirou aqueles flocos de pedra e alteou aquelas muralhas. Por este andar, o Padre Albino até chegará a descrever da sua propria existencial...

Tomemos um folego, e seguiremos na narrativa.

V A.

ERNESTO CAMPOS

Regressou do Rio de Janeiro aonde foi tratar dos seus negocios, este nosso amigo e assinante, importante proprietario e capitalista de S. Martinho de Galegos.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos de boas-vindas.

EM NOTA OFICIOSA

O GOVERNO DESFAZ AS INTRIGAS E BOATOS

que diziam havêr tropas italianas na nossa fronteira

«O sr. ministro da Itália comunicou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, quanto o seu govêrno apreciara a calma e plena confiança reveladas pelo Govêrno português em face de certos boatos correntes em Lisboa, nos ultimos dias, e que estava autorizado a declarar encontrarem-se na zona de Alicante as forças legionárias italianas mais próximas da fronteira portuguesa, o que podia ser tornado publico se fôsse julgado conveniente.

Embora não se tenha considerado valer a pena desmentir boatos inconsistentes, pelo seu absurdo, o Govêrno entende dever corresponder á gentileza da espontânea declaração do govêrno italiano, dando publicidade ao facto acima referido».

—Na verdade, não vale a pena fazer referência a «boatos inconsistentes».

Felizmente, na terra portugueza, o boato já não consegue os mesmos resultados de há alguns anos.

Hoje, embofa consiga ainda espalhar-se por toda a parte, a sua vida, sem chegar a impressionar, é muitissimo mais curta.

A esmagadora maioria dos portugueses sabe bem que a nau da nação está sendo guiada por bom timoneiro e por isso tem calma se bem que nem sempre repila com energia os «boatos» forjados pelos inimigos da Ordem e da Pátria e por benevolência, até certo ponto inexplicável, os deixe fazer livre curso.

Em qualquer dos casos, no geral, e na actualidade, o boato nasce, espalha-se mas... morre logo.

E isto, ainda observamos há dias nas ondas de boatos que fôram espalhadas.

As mentiras mais flagrantes e as hipóteses mais estupidas e perversas postas a correr por todos os cantos do país, dilu'ram-se depressa sem deixarem o mais pequeno rastro.

Não deixou de ter graça a grande novidade, transmitida por alguns individuos que certamente nunca ouviram falar em «geografia», mas muito convencidos de andarem nos segredos dos deuses, que novas tropas italianas tinham desembarcado em Vigo...

A' porta dum dos cafés da nossa cidade, um viajante, indicando dois empregados do «Pôsto hípico» disse para um outro que eram dois marinheiros italianos dos tais que desembarcaram em Vigo.

Isto contou nos uma pessoa de absoluta idoneidade que ouviu.

Preguntamos: que dirão êsse viajantes noutras terras?

Com toda a certeza que viram «italianos» em Barcelos e ás pessoas que tentem contradizê-los replicarão imediatamente que os viram... «com os seus proprios olhos».

E afinal, não viram nada...

São assim os boatos.

Quando não têm a origem que todos nós sabemos, nascem de individuos que teimam em querer vêr tudo escuro.

E, como diz o nosso grande Vieira, «quando os olhos vêem com ódio até o cisne é negro».

«O Mundo Português»

Recebemos o n.º 63 desta esplêndida revista de cultura e propaganda, arte e literatura coloniais que tem como director o sr. dr. Augusto da Canilha, consagrado escritor.

«O Mundo Português» colaborado pelos mais distintos escritores é uma revista que todos os portugueses devem assinar.

O sumário do presente número, é o seguinte:

«A nossa missão continua», José Osório de Oliveira; «Memórias dum Sertanejo», Gustavo de Bivar Pinto Lopes; «O infante D. Henrique, conquistador de Ceuta», Morais Cabral; «Subsidios para a história de S. João Baptista de Ajudá—A chegada dos portugueses ao Dahomey», Pupo Correia; «Vestígios de Africa no Brasil», Edmundo Correia Lopes.

—Agradecemos.

Confeência

Será no próximo mês de Maio que o distinto orador sr. dr. Luis Moreira de Sá e Costa fará nesta cidade a anunciada conferência sobre o beato João de Brito.

Este número foi visado pela Comissãõ de Censura

TREZ ANOS DEPOIS!...

No cantinho deste semanario, reservado á crónica dos necrologios, comemora-se, hoje, o passamento do jovem estudante do 7.º ano, que em vida se chamou Eduardo Edmundo Guedes da Silva Encarnação, cujo desaparecimento, passados tres anos, continua a pungir como acerbo espinho, o coração de seus estremosos pais e irmãos.

A todos, pois, mas especialmente ao pai do inditoso moço e nosso prezado amigo sr. Felisberto Maria Guedes da Encarnação enviamos nesta triste data, a expressão magoada dos nossos sentimentos.

Aos nossos leitores que não poderam assistir ás missas de sufragio, que ontem se realizaram na Igreja do Bom Jesus da Cruz, pedimos uma oração pelo descanso daquele que há tres anos dorme o sono eterno á sombra da cruz.

Farmácias de serviço

No proximo domingo e durante a semana estão de serviço permanente as farmacias Moderna, no Largo da Porta Nova e J. Alves de Faria em Barcelinhos.

A LUZ DO MEU PENSAMENTO

Tudo na vida tem fim!
E se já não me condenas,
Vem para junto de mim,
Tem pena das minhas penas!

Perdõa o que se passou;
Desponte em nós nova luz!
Cristo também perdoou
A quem o pregou na cruz!

Os meus olhos coitadinhos
De te ver teem desejos!
E meus lábios tão séquinhos
Querem trocar novos beijos.

Não mais a desgraça afronta
Horas serenas e calmas!
E um novo sol que desponta
Vem aquecer nossas almas!

Tu que rezas, tu que és crente
sofre a sorte do destino!
Jesus Cristo por a gente
Sofreu desde pequenino!

Tambem sofri em lamento
A sentença do meu crime!
Mas bendigo o sofrimento
Que regenera e redime!

Pequei! Sofri! Mas agora
Todo o passado esqueci!
Morra breve, muito embora
Não morra longe de ti!

E se eu morrer de desgosto
Pelo desgosto da vida
Deposita no meu rosto
Um beijo de despedida!

PORFIRIO DE SOUSA MARTINS

COLUMBOFILIA

Organizado pela Sociedade Columbofila Barcelense, realiza-se no proximo domingo, 23, o concurso de Paialvo (218 Kls.).

A entrega das pombas será feita no sabado, 22, das 14 ás 16 horas.

A Direcção da Sociedade Columbofila Barcelense, avisa os seus associados de que só poderão enviar pombas a concurso os socios que tenham as suas cõtas em dia, conforme determina o Art.º 10.º do Estatuto.

Escola Comercial Portuguesa

POR CORRESPONDENCIA
(Fundada em 1930 e ao abrigo do Dec.º 23447)
RUA DO ARSENAL, 54, 3.ª—LISBOA

HABILITAÇÃO GARANTIDA PARA
GUARDA-LIVROS

em 8, em 12 ou em 20 menses, conforme o tempo de que o aluno dispõe em cada dia, a sua idade, etc.

39 — Quadro de honra: Alguns nossos distintos alunos:

Sr.ª D. Maria Izabel Gouveia Nunes—Lisboa.

Sr. Joaquim dos Reis Barreto—Lisboa.

Sr. José dos Santos Batista—Lisboa.

Sr. Viriato Costa Brandão—Penna Longa (Douro).

Sr. José Silva Rocha—Almofala de Baixo (Ancião).

Iremos publicando mais nomes nos numeros seguintes do «Noticias de Barcelos».

CURSOS DE ESCRITURAÇÃO, CONTABILIDADE, ESTENOGRAFIA, DACTILOGRAFIA, etc.

Peça gratis o nosso livro de propaganda, que contém planos de estudo, programas dos diferentes cursos, tabelas de preços, muitas centenas de nomes e moradas de antigos alunos, etc.

Se lhe fôr possivel, recorte e envie-nos este anuncio.

Isto, é o que se verifica

Na correspondência de Barcelos publicada ontem no «Jornal de Notícias», em comentário ao resultado do jogo de foot-ball entre os grupos da Legião e da Mocidade, lê-se isto:

«Mais uma vez se verifica que a Mocidade Portuguesa é a mais simpática organização não só para o futuro como até para o presente pelo seu rápido desenvolvimento».

—Lamentamos a prosa do correspondente dêsse jornal e notamos que o que *mais uma vez se verifica* é a sua incompreensão sobre a finalidade da Mocidade e da Legião.

Estas duas organizações patrióticas não se guerreiam, completam-se.

No futuro, como no presente, haverá Legião e Mocidade.

E no futuro, a Legião, quando os seus quadros fôrem preenchidos pelos rapazes da Mocidade, será mais valorizada ainda.

Ninguém tem mais empenho no desenvolvimento da Mocidade Portuguesa do que os homens que fazem parte da Legião e das outras organizações nacionalistas.

Há porém quem não queira vêr assim e querendo esquecer que a Mocidade Portuguesa é primeiro que tudo uma organização do Estado Novo e a grande esperança dum Portugal ainda maior se diga amigo desta simpática organização com propósitos dúbios...

Isto é o que se verifica muitas vezes e, para não irmos mais longe, fiquemos por aqui...

9 de Abril em Barcelos em 1939

Continuado da 1.ª pagina

O sr. dr. Gonçalo de Araujo, em plena consciencia das responsabilidades proprias, escreveu e leu o seu discurso.

Ouvimol-o com a maior atenção, e, naturalmente, sem nos desprendermos de todo de opinião anticipada determinante de maior severidade no juizo a formar, em que a personalidade do orador prendiamos sempre as afirmações expressadas.

Era um discurso de posição politica, escolhida com acerto e oportunidade.

Ouvimos, aplaudimos, e deu-nos incomparavel satisfação poder ligar á amizade pessoal o aplauso no acto da vida publica do orador.

O sr. dr. Gonçalo de Araujo afirmou doutrina nacionalista, proclamada pela Revolução Nacional.

Em perfeita actualização no procedimento, não fez acto de adhesivismo, nem veio reclamar lugar em serviço activo da doutrina cuja evidencia, o seu espirito, em evolução inteligente e raciocinada, perfilhou.

Considerou finda a sua intervenção na vida politica activa, por considerar finda a razão de ser das formulas politicas que serviu.

E, ao reconhecer a falencia dos principios que professou, saudou o renascimento nacional afirmando-se pronto a servir como portuguez a Deus, á Pátria e á Familia, e incitando os novos a prosseguir na estrada nova, por Portugal.

Merece registo, merece respeito, e merece ser, por muitos, tomada como lição e como exemplo, e attitude clara do sr. dr. Gonçalo de Araujo.

Não será tempo de, quem seja sincero, rectificar, assumindo a responsabilidade publica de posição definida?

J. P.

Crise Vinicola

E' do muito conceituado jornal Comercio do Porto o artigo que transcrevemos com o titulo acima e que é da autoria do inteligente viticultor sr. João Salema.

FALECIMENTOS

ANTONIO GOMES DE FARIA REGO

Na terça feira, pelas 9 horas, na sua casa da Rua D. Antonio Barroso, faleceu o sr. Antonio Gomes de Faria Rego.

Negociante activo, inteligente, fez a sua carreira na importante Casa Tomaz José de Araujo, sendo um dos socios.

A esta prestigiosa Casa Comercial, de grande expansão em todo o Minho, Antonio Rego deu toda a sua vida, toda a sua dedicação, o impulso que soube dar.

Tambem a politica o apaixonou, sendo um dedicado conservador, integrado perfeitamente na politica do Estado Novo, tendo pertencido a uma Comissão Concelhia da União Nacional.

O seu funeral realizou-se na passada quarta-feira, sendo uma demonstração evidente do quanto era estimado o sr. Antonio Rego.

A Igreja do Bom Jesus da Cruz, onde se realizaram as orações fúnebres, estava sumptuosamente ornamentada e com grande profusão de plantas e lumes.

A Casa Tomaz de Araujo, Succesores Ld.ª, onde o falecido foi um dos mais prestimosos socios, fez tambem convites para o funeral.

Do Porto vieram muitos negociantes associar-se ás homenagens fúnebres.

A seus ex.ªs Filhos, a seu dedicado genro, nosso colaborador e amigo sr. Antonio Rego, e a seu cunhado sr. Antonio Joaquim Ferreira, importante negociante em Barcelos, apresentamos os nossos sentidos pesames.

P.ª JULIO DE MATOS

Na freguesia de Barqueiros, e após uma grave enfermidade faleceu no passado dia 7 o bondoso sacerdote sr. P.ª Júlio José da Silva Matos, de 78 anos de idade, tio do nosso amigo sr. Antonio Matos Duarte Barbosa, proprietário.

O extinto era natural de Areias de Vilar mas residia em Barqueiros, onde foi reitor, há muitos anos.

O seu funeral foi muito concorrido, organizando-se diversos turnos.

—A toda a familia enlutada, e em especial a seu sobrinho o nosso amigo sr. Antonio Matos, as nossas condolências.

—Nesta cidade, na passada segunda-feira, faleceu a sr.ª Leonor de Araujo, de 58 anos de idade.

CINEMA GIL VICENTE

Em sessão especial comemorativa do 18.º aniversario da Sociedade Cinematográfica Barcelense, L.ª, teremos hoje ás 21,30 a exhibição do melhor filme da época.

ABUSO DE CONFIANÇA
por Danielle Darrieux.

O programa é valorizado com quatro dos melhores jornais de actualidades nacionais e estrangeiros, o que por si só será uma bela sessão de cinema.

—No proximo domingo, 23, á noite, exhibir-se-á o filme brasileiro que enaltece os feitos dos navegadores portugueses.

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL
Completa o programa os documentários culturais brasileiros: Cachoeira de Paulo Afonso—A Data Sagrada da Pátria—Parques e Jardins de S. Paulo—Sagres e Saldanha da Gama.

E' a primeira vez que se exhibe em Barcelos uma produção brasileira.

—Nos próximos dias 29 e 30 teremos o melhor filme portuguez.

A ALDEIA DA ROUPA BRANCA
com Beatriz Costa, Hermínia Silva etc.

Missa do 7.º dia

No próximo dia 24, ás 9 horas, será rezada no templo do Bom Jesus da Cruz uma missa por alma do sr. Antonio Gomes Faria Rego.

O MOMENTO**INTERNACIONAL**

A crise internacional, continua.

A ocupação total da Albânia pelas tropas italianas é agora um facto e a coroa dêsse país, afinal desaparecido, foi oferecida por alguns «notáveis» albaneses a Sua Majestade Vitor Manuel III rei de Itália e imperador da Etiópia que aceitou.

Na ocupação da Albânia, como em todos os acontecimentos internacionais recentes, as agências de informações internacionais não têm deixado de contribuir para aumentar a confusão do já confuso ambiente internacional.

De facto a parcialidades dessas informações não nos deixa ser juiz em pleitos a que, no geral, somos estranhos.

A mensagem telegráfica de Roosevelt a Hitler e a Mussolini oferecendo-se para mediano entre a Alemanha e a Itália e as outras potências e pedindo-lhes a garantia de que as suas forças armadas não invadirão num período de dez anos que pode ir até um quarto de século qualquer Estado da Europa, assim como a Turquia, a Siria, a Palestina, o Iran e ainda os países árabes, foi o grande acontecimento do fim da semana passada.

Se tal garantia fôr dada o Presidente da República dos Estados Unidos perguntará a cada um dos outros países se está disposto a fazer uma declaração recíproca a qual será depois transmitida a Berlim e a Roma.

Não fôram dadas ainda as respostas dêsses dois Chefes mas, segundo os meios officiais de ambos os países a resposta será negativa.

A mensagem Roosevelt que chegou a ser uma esperança, um alívio, parece que está condenada ao mais completo malogro.

Os meios officiosos alemães anunciaram já que Hitler responderá a Roosevelt na próxima sessão do *Reichstag* a realizar no dia 28 do corrente.

Até lá parece portanto que a situação internacional continuará indecisa.

A questão dos voluntários italianos que tanto tem preocupado certas chancelarias europeias parece caminhar para uma solução breve e segundo as conveniências e as necessidades espanholas a-pesar-das intrigas e complicações de certos meios esquerdistas europeus.

Chamberlain e Daladier têm sido bastante claros e enérgicos nos seus discursos.

A diplomacia inglesa sobretudo, tem desenvolvido grande actividade e definido com grande clareza a sua posição em face de novas agressões.

O ambiente internacional continua, pois, muito turvo e indeciso.

As preocupações de guerra que têm agora quasi todos os países da Europa não deixarão de fazer pêso e aumentar a já grave crise económica que o mundo atravessa e todos sofremos as conseqüências.

Estamos completamente alheios aos pleitos agora em foco. A nossa posição interna e externa está claramente definida.

Aguardemos portanto, com serenidade, os acontecimentos.

DR. ADELIO MARINHO

Muito melhor dos seus incomodos que o obrigaram a um prolongado repouso, regressou á sua casa de Barcelos este muito abalisado clinico e nosso distinto colaborador.

Oxalá possa em breve voltar á sua actividade clinica, onde o seu valor profissional é justamente muito apreciado.

Felicitemos sua ex.ª pelas suas sensíveis melhoras.

Quadras da minha saudade

A' LINDA FERNANDA DE BARCELOS

*As nossas almas fizeram
A sagrada comunhão;
As hóstias—eram os beijos
O calix—o coração*

*Afivelas no teu rosto
Um sorriso doentinho...
Olha: O sol depots de posto
Ainda brilha um bocadinho*

*Assim que a morte chegar
Tu diz-lhe que passe á frente,
Que não te queira levar,
Que me leve a mim sómente*

*Quando te vejo rezar
Fico alheio ao que passa,
Porque me fazes lembrar
Nossa Senhora da Graça!*

*Olha: o rio sonolento
Murmura penas e dôres
Vai devagar, passo lento
Mau mensageiro d'amores*

*Tu rezas á Virgem Santa
Porque és boa, porque és crente
E tanto, tanto desprezas
Quem vive por ti sómente*

PORFIRIO DE SOUZA MARTINS

DE LUTO

Pelo falecimento de sua mãe, a sr.ª D. Carolina da Conceição do Vale Aguiar, viuva, proprietária de Ponte do Lima, encontra-se de luto o nosso amigo sr. Francisco Aguiar, estimado negociante da nossa cidade.

—Também se encontram de luto, pelo falecimento em Famalicão do sr. Joaquim Pinto de Azevedo, de 89 anos de idade, seus filhos, os nossos amigos srns. Adriano e Anibal Pinto de Azevedo e seu genro, o também nosso amigo sr. Fernando Cruz.

—A's familias enlutadas enviamos as nossas mais sentidas condolências.

Diário da Manhã

Achamos tão interessante e oportuno o artigo «Espírito Nacional» que veio em editorial do *Diário da Manhã*, de Lisboa, que nos julgamos no dever de o transcrever para que seja conhecido dos nossos assinantes.

Reuniões dançantes

Como oportunamente noticiamos, na Assembleia Barcelense, realizaram-se, nos passados sábados 8 e 15 do corrente, reuniões familiares que estiveram muito animadas e foram abrihantadas por um esplêndido «Jazz» de Viana do Castelo.

Presidente da República

No último sábado, em Belem, o sr. general Carmona, foi muito cumprimentado pela passagem do 11.º aniversario da sua proclamação como Presidente da República.

TRABALHOS GRAFICOS

Executam-se com perfeição na
TIPOGRAFIA DESTA JORNAL

CONCURSOS DE «OCIDENTE»

Esta Revista, que completa agora um ano e já oferece sérias garantias de estabilidade, vai iniciar uma série permanente de concursos, que possam estimular, pouco a pouco, a nossa produção literária e artística. São os seguintes os três primeiros concursos, a que só podem concorrer Poetas ou Escriitores portugueses:

CONCURSO N.º 1 — Três Sonetos históricos

Refere-se a 3 Sonetos sobre as três Figuras

Infante D. Henrique—Nun'Álvares—Camões

Recebemos até 20 de Maio séries de 3 Sonetos sobre estas 3 Figuras, que retratem o sentido heróico, cavallheiresco ou nacionalista de cada um dos três grandes Vultos.

- 1.º Prémio 250\$00
- 2.º Prémio 150\$00
- 3.º Prémio 100\$00

CONCURSO N.º 2 N velas históricas

Recebemos até 20 de Junho Nove-las históricas sobre qualquer Episódio da Fundação de Portugal, que não exceda 40 tiras dactilografadas de 40 linhas com a largura de 15 cm.

- 1.º Prémio 500\$00
- 2.º Prémio 250\$00

CONCURSO N.º 3—Peças históricas em 1 act

Recebemos até 20 de Julho Peças históricas em 1 acto, em prosa ou verso, sobre a Restauração de Portugal, que não excedam 40 tiras dactilografadas de 40 linhas com a largura de 15 cm.

- 1.º Prémio 500\$00
- 2.º Prémio 250\$00

Os prémios serão conferidos por júris que «OCIDENTE» convidará no fim de cada prazo e serão distribuídos a 1 do mês seguinte, ou seja a 1 de Junho, 1 de Julho e 1 de Agosto.

As condições para concorrer são as habituais: composições em 3 vias dactilografadas com pseudónimo e o nome correspondente em envelope fechado, tendo por fora a indicação do Concurso.

As composições escolhidas serão publicadas em «OCIDENTE», mas ficarão pertencendo aos autores, que as poderão editar livremente três meses depois do concurso.

Os prémios serão sempre concedidos desde que se apresentem 5 composições de Autores diferentes para cada concurso.

As composições devem ser entregues com um boletim especial na Rua do Salitre, 155-1.º — Lisboa.

Quereis o vosso calçado confortavel e acertado com a máxima perfeição e solidez, por preços muito baratos?

SÓ NA
CASA CUNHA
JUNTO À
PENSÃO ARANTES

As festas ao Santo António, em Barcelos, são nos dias 10 e 11 de Junho de 1939 com a grande Procissão.

CRISE VINICOLA

Como disse no meu ultimo artigo, há quem pretenda «medir todos os vinhos pela mesma rasa»! Nada mais injusto e nada menos racional.

Efectivamente, como aqui se explicou com toda a clareza, em artigo publicado em Dezembro, devia descongestionar-se o mercado, retirando imediatamente a porção necessária e suficiente de vinho maduro, que seria consumido no próximo ano e destilado, para empregar a aguardente no mesmo ano, que tudo leva a supôr de pequena produção; e devia provocar-se o aumento de consumo dos vinhos verdes, aumento que se obtém automaticamente, desde que êles possam entrar no Pôrto sem os complicados e pesadíssimos encargos e peias artificiais, a que está sujeito. Como todos deviam saber, os vinhos verdes não podem guardar-se para o ano seguinte, porque se desvalorizam 15 a 30 por cento, e alguns compradores não os querem por dinheiro nenhum; e também não podem ser destilados, visto que a pouca aguardente que produzem, não chega a pagar a leha gasta e o trabalho.

Isto é muito claro, é o que a experiencia nos ensina, e só por ignorancia ou má fé se pode dizer o contrário.

Sempre aqui afirmei, e insistirei enquanto puder, que a solução da crise vinicola não deve ser tentada isoladamente para cada região, tendo, necessariamente, de ser enfrentada em conjunto, com providencias que abranjam todas as regiões do País o que não quer de modo algum dizer que uma dada providencia seja applicável a todas elas.

Posto isto, que parece intuitivo, será muito nobre pedir para todos os vinhos igual tratamento mas é indubitavelmente contrário á justiça, á razão e aos interesses nacionais, que todos devemos pôr acima de quaisquer conveniencias de individuos, ou de regiões.

Positivamente, há quem luere com o artificial estado de coisas respeitante ao comércio de vinhos, e só assim se explica a ansia com que algumas pessoas procuram evitar qu lquer modificação, que os interesses nacionais reclamavam e reclamam, com a maior urgencia.

Essas pessoas, que pareciam naufragos, mas pelo visto não o são, agarram-se a todas as tábuas de salvação. Até há quem afirme que as opiniões discordantes são motivadas por politica!

Na sua cegueira, não querem vêr que as mais valiosas e respeitáveis dessas opiniões discordantes partem dos maiores e melhores amigos do Governo, que, por isso mesmo, e também por patriotismo e por humanidade, empregam porfiados esforços para evitar a ruina económica dos produtores de vinho, ruina que, como temos afirmado sem receio de desmentido sério, se reflecte irrefragavelmente em todo o comércio e em toda a industria, que, há longos meses vêm sofrendo amargamente a tremenda diminuição do poder de compra dos lavradores.

Cá por mim—que estou em tão boas companhias—sempre entendi e entendo que é inteiramente desprezível e absolutamente indigna toda a pessoa que pratique o crime de pôr qualquer politica partidária acima dos interesses nacionais, acima da verdadeira politica nacional.

Não; os interessados, que produzem a disparatada afirmação de que as pessoas que se revoltam contra as peias e encargos artificiais, o fazem por politica, têm, realmente, em pouca conta a intelligência alheia...

Evidentemente, não é por politica, mas sim por serem leais sequazes do

Governo, ou por acendrado patriotismo, ou por caridade cristã, ou, muitos dêles, por todas estas determinantes ao mesmo tempo. Bastar-lhes-ia vêr e sentir a triste e aflitiva situação económica em que se debatem, sem remédio, os desventurados pequenos lavradores.

E uma coisa vem agora preocupar-me ainda mais acerbamente—é vêr, como tenho visto, que alguns dêesses lavradores estão a semear as suas terras com menos de metade das sementes indispensáveis.

O direito á vida, que todos nós devemos defender, obrigou-os a comer o milho, o feijão e a batata, que todos os anos são, religiosamente guardados para semente; e, agora, nem têm sementes nem dinheiro para as comprar. São dificeis de prevêr os prejuizos e a miséria que dêste facto podem advir.

Quem goza a vida nas cidades, quem recebe proventos limpos e sêcos, não pode fazer uma ligeira ideia do incomensurável sofrimento moral e fisico dos pobres pequenos lavradores nortenhos.

Ainda por cima de tudo, veio um tardio inverno, com ventos frigidíssimos e fortes geadas, que queimaram e destruíram tudo. Os prejuizos nas frutas de carôço e batatais são já muito elevados em algumas regiões. As vides, onde a rebentação estava mais adiantada, também sofreram já bastante. Dir-se-á que a Natureza, a unica que tem resolvido as nossas crises vinicolas, está a começar de se amercear dos infelizes vinicultores, trazendo-lhes um triste remédio á tremenda crise que há longos meses os atormenta.

«Deus faz tudo por bem», como costuma dizer o nosso bom sofredor povo, quando as contrariedades e as infelidades lho batem á porta. Os crentes são sempre mais felizes...

«Há males que vêm por bem», dizem outros, ou dizemos todos nós. Efectivamente, uma natural diminuição da futura colheita de vinho, traz um necessário aumento dos preços, que as peias e encargos artificiais, de mãos dadas com a crise geral atiraram por aí abaixo, até limites inconcebíveis!

E se aumento, assim determinado, não será, porém, o suficiente para livrar da miséria os produtores.

Continua, por isso, a ser necessário e urgente que se acabe, sem a minima demora, com a obrigatoriedade da percentagem do vinho da Região Demarcada do Douro e com o monopólio da compra pelo que respeita aos vinhos verdes, os quais não podem ser, para já, eficientemente beneficiados com outras providencias.

São os sagrados interesses nacionais que imperiosamente o reclamam. E é uma aconselhável experiencia, que nem num micron alterará a órbita eterna do Planeta.

JOÃO SALEMA

Quinta de bom rendimento
Vende-se uma junto á cidade, toda regada, bem avinhada e com casa para caseiro. Tem também bastante bravio e é tudo junto. Para informações no Sindicato Agrícola.

AUTOMOVEL 6 LUGARES
Aluga JOSÉ PERESTRELO
Largo José Novais
Telefone 8

PELO CONCELHO

Vila Gova

Abril, 18

Na última quarta-feira, a Delegação Paroquial da A. P. J. distribuiu pelos cento e quarenta e tantos necessitados—trezentos e quarenta e oito quilos de pão e sessenta quilos de toucinho. São uns dias em que não falta pão e caldo na casa dos pobres.

—Foi baptisada Maria, filha de Joaquim Maria de Matos.

—No domingo transacto, foi benzi-da solenemente a parte nova do cemitério. Assistiu os Rvd.ºs Srs. Cónego Albino F. Martins de Miranda e Sebastião Couto, da Povoia de Varzim. Muito povo acompanhou as cerimónias com religiosa atenção.

Fez uma prática a propósito o Rvd.º Sebastião Couto.

—No último domingo pôde vir á igreja o Rvd.º José Gomes de Carvalho. C.

Areias, S. Vicente

Abril, 18

Encontra-se desde segunda-feira em retiro espiritual, em Braga, o nosso Rev.º Paroco.

—No dia 8 p. p. batisou-se uma creança filha de Antonio da Silva Martins e Ludovina Gonçalves Soutelo. Recebeu o nome de Maria Alice.

—Ontem tambem se batisou uma outra creança filha de Antonio Alves Torres e Olivia Gonçalves de Macedo. Recebeu o nome de Joaquim.

Aniversarios: Hoje Manuel José de Macedo, a 18 Leopoldina Barbosa e Rita Gonçalves da Silva; a 19 Maria Machado; a 21 Luciana Martins Lopes, a 23 Maria Inez de Macedo e Laurinda Fernandes Torres; a 24 José de Araujo Fernandes e Francisco do Vale caseiro; a 25 Manuel Fernandes de Sousa; a 26 João Augusto Fernandes Ataíde; a 27 Luiz Gonzaga Fernandes Pinto.—C.

COMARCA DE BARCELOS

Arrematação

2.ª praça
1.ª publicação

No dia trinta do corrente mez de Abril pelas onze horas á porta do Tribunal Judicial, por virtude do ordenado nos autos de Execução Fiscal Administrativa que o Magistraldo do Ministério Público move contra José Pereira, da freguesia de Arcozelo, se há-de proceder á arrematação do prédio seguinte:

N.º 1

Leira de mato sita no logar da Cachadinha, freguesia de Carapeços, e entra em praça em cento e sessenta e nove escudos e quarenta centavos 169\$40.

Pelos respectivos editais e pelo presente são citados todos os crédores incertos para assistirem á arrematação.

Barcelos, 17 de Abril de 1939.

O Chefe da 1.ª secção

João Monteiro

Verifiquei,

O Juiz de Direito:

Arthur A. Ribello

Secção Desportiva

A A. de F. de Braga,
em apuros

Não necessitam os nossos leitores que apresentemos, mais uma vez, o organismo máximo do foot-ball distrital. E' demasiado conhecido...

Passemos portanto adiante e narremos os factos.

—Como é também do conhecimento dos nossos leitores a época actual tem sido rendosa para a A. de F. de Braga.

Reconhecida a impossibilidade, por manobras de arbitragens ou de secretaria, de dar o título de campeão ao Sporting C. de Braga, foi possível dar um rumo ás coisas para que, pelo menos, se conseguisse receita.

Assim os protestos dirigidos á Associação fôram julgados mais por conveniência do que por justiça.

O jôgo da 2.ª volta Sporting C. Fafe—F. C. de Famalicão foi anulado e isto deu como resultado a repetição dêsse jôgo e depois a disputa dum novo jôgo entre o Sporting C. F. —Vitória de Guimarães para ser decidido o título de campeão.

Desse encontro saiu vencedor o Vitória de Guimarães por 2 0, voltando de novo a ser campeão.

Baseados num erro técnico do árbitro, os fafenses protestaram o jôgo e os dirigentes bracarenses atenderam imediatamente tal protesto.

Porém, essa decisão, não satisfiz os vimaranenses e recorreram para o Conselho Técnico que, por sua vez, anulou a decisão anterior dando razão ao Vitória.

Foi portanto, uma vez mais, proclamado campeão o grupo vimaranense.

Informam nos agora que o Sporting C. de Fafe, ao abrigo do artigo 53.º (alinea b) do Regulamento da Federação, apela, que disputou indevidamente o citado jôgo de desempate pois, empatado em número de pontos com o Vitória, tinha a seu favor a diferença de «goals» nos dois jogos que efectuou.

—Que resolverão agora os «técnicos» associativos?

—Aguardemos...

Taça «União Nacional»

Como noticiamos no numero anterior, no último domingo, no campo da Granja, realizou-se um encontro de foot-ball entre filiados da Legião e da Mocidade Portuguesa.

Dêsse encontro saiu vencedor o grupo representativo da Mocidade Portuguesa pelo expressivo e concludente resultado de 7-0, conquistando assim a taça «União Nacional».

Antes do início do jôgo foram trocados galhardetes entre os srs. Dr. Joaquim Paes e Dr. Henrique Moreira, respectivamente comandante interino do Batalhão 12 da Legião Portuguesa e Sub-delegado Regional da Mocidade Portuguesa que também dirigiram palavras de saudação aos elementos de ambos os grupos, referindo-se também á necessidade da camaradagem que deve existir entre todos os filiados dessas organizações patrióticas.

O desafio foi presenciado por numerosa assistência, disputado com grande correcção e abrilhantado pela banda de música de Vilar do Monte.

A vitória do grupo representativo da Mocidade foi justa e não necessita de comentários.

O grupo que representou a Legião Portuguesa, sem ser o que melhor se pode constituir dentro desta patriótica organização, não teve sequer preparação.

Mas, o principal objectivo do jôgo de domingo foi conseguir um maior estreitamento de relações entre êsses organismos do Estado Novo e isso conseguiu-se.

Fazemos votos, pois, que no futuro, continuem a estreitar-se ainda mais os laços de solidariedade já existentes, noutras festas em que ambas essas organizações nacionalistas dêem e estreitem as mãos.

Agradecimento

João de Sousa Caravana, vem com a mais reconhecida gratidão, agradecer a todas as Ex.ªs Pessoas que, durante a sua doença, por si se interessaram. E porque ainda não lhe é permitido andar, pede desculpa de não o fazer pessoalmente e apresentar cumprimentos aos seus bondosos amigos.

Barcelos, 19 de Abril de 1939.

Agradecimento

A familia de Tereza Peixoto vem, por esta forma, agradecer reconhecidamente a todas as pessoas que se incorporaram no seu funeral e assistiram á missa do 7.º dia.

Neste agradecimento a familia deseja salientar o nome do sr. Manuel Pereira de Lima, pelos seus serviços prestados.

A todos pois, aqui patenteia a sua gratidão.

Arcozêlo, 17 de Abril de 1939.

A FAMILIA

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

3.ª praça

1.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que foi designado o dia 30 do corrente, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial sito nos Paços de concelho, para a arrematação em hasta pública e em 3.ª praça, do direito e acção que o executado António da Silva Ferreira, da freguesia de Quintiães, tem a uma quarta parte de uma leira de lavradio, sita no lugar de Triante, da mesma freguesia e que lhe foi penhorado pela Fazenda Nacional, direito que entra em praça sem valor. São, para todos os efeitos, citados os comproprietários e crédores do executado.

Barcelos, 17 de Abril de 1939.

O Chefe da 2.ª secção

Delfino de Miranda Sampaio

Verifiquei,

O Juiz de Direito

Arthur A. Ribeiro

QUEREIS CALÇAR BEM, BARATO E COM ELEGÂNCIA?

COMPRAI O VOSSO CALÇADO NA

CASA CUNHA

Junto á

Pensão Arantes

COMARCA DE BARCELOS

ANUNCIO

1.ª praça

1.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que, por virtude do requerido e ordenado nos autos de acção de interdição por demência proposta por José Vieira Veloso, viúvo, comerciante, desta cidade, contra seu filho Tomaz José de Araújo Veloso, solteiro, maior, também desta cidade, foi designado o dia 7 de Maio, próximo, por 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, desta comarca, para a arrematação em hasta pública, de uma morada de casas torres e terras, com seus comodios, sita na rua D. António Barrôso, desta cidade, e que será entregue a quem maior lenço oferecer acima do preço de oito mil escudos, ficando a sisa, na sua totalidade, e as custas de incidente de arrematação, a cargo do arrematante. Para deduzirem os seus direitos são por êste meio citados todos e quaisquer interessados ou crédores incertos dos proprietários do referido prédio:— aquêlê demênte e sua irmã D. Maria de La Slette de Araújo Veloso Pereira Brandão.

Barcelos, 15 de Abril de 1939.

O Chefe da 2.ª secção

Delfino de Miranda Sampaio

Verifiquei

O Juiz de Direito

Arthur A. Ribeiro

Dr. Adélio Marinho

Consultorio e Residencia

Rua Dom António Barroso, 141

Telefone 28

COMARCA DE BARCELOS

Arrematação

3.ª praça

1.ª publicação

No dia 30 do corrente mês de Abril pelas onze horas á porta do Tribunal Judicial, desta comarca, por virtude do ordenado nos autos de carta precatória vinda da comarca do Pôrto e extraída dos autos de execução comercial em que é exequente a firma comercial J. Mendes Ribeiro & Companhia, com séde no Pôrto, e executado António Teófilo de Carvalho, desta cidade, se há-de proceder á arrematação, em terceira praça, de diferentes cobertores, cortes de fazenda pa-

COMARCA DE BARCELOS

Arrematação

1.ª praça

1.ª publicação

Para os devidos efeitos se anuncia que nos autos de execução fiscal administrativa que a Fazenda Nacional move contra Domingos Pereira de Souza, da freguesia de Tenões, comarca de Braga, foi designado o dia 7 de Maio proximo pelas 11 horas, para a arrematação em hasta pública e á porta do Tribunal Judicial desta comarca do seguinte prédio:

Casa torre com dependência ao poente, sita no lugar da Igreja, freguesia de Areias São Vicente desta comarca e que entra em praça pela quantia de 10.800\$00.

Dêste prédio são usufructuários os filhos do executado, Carlos Almeida e Souza, José Domingos Almeida Souza e Maria Tereza Almeida Souza, residentes com êle na referida freguesia de Tenões, comarca de Braga e entra em praça sem abatimento do respectivo usufructo. Para assistirem á praça e mais termos da execução, são citados por êste meio tôdos e quaisquer credores e interessados incertos do executado, e em especial o credor inscrito no respectivo registo da quantia de quatro mil quatrocentos e sessenta e trez escudos e vinte e trez centavos. João Gomes de Macedo, solteiro, proprietário, da freguesia de Oliveira desta comarca, mas auzente em parte incerta dos Estados Unidos do Brazil.

As despesas da praça e a sisa respectiva, ficam a cargo do arrematante.

Barcelos, 13 de Abril de 1939.

O Chefe da 4.ª Secção

Carlos Domingues Moreira

Verifiquei,

O Juiz de Direito

Arthur A. Ribeiro,

ra fato, camisolas e camisas

Pelos respectivos editais e pelo presente são citados tôdos os crédores incertos para assistirem á arrematação.

Barcelos, 17 de Abril de 1939.

O Chefe da 1.ª secção

João Monteiro

Verifiquei,

O Juiz de Direito:

Arthur A. Ribeiro